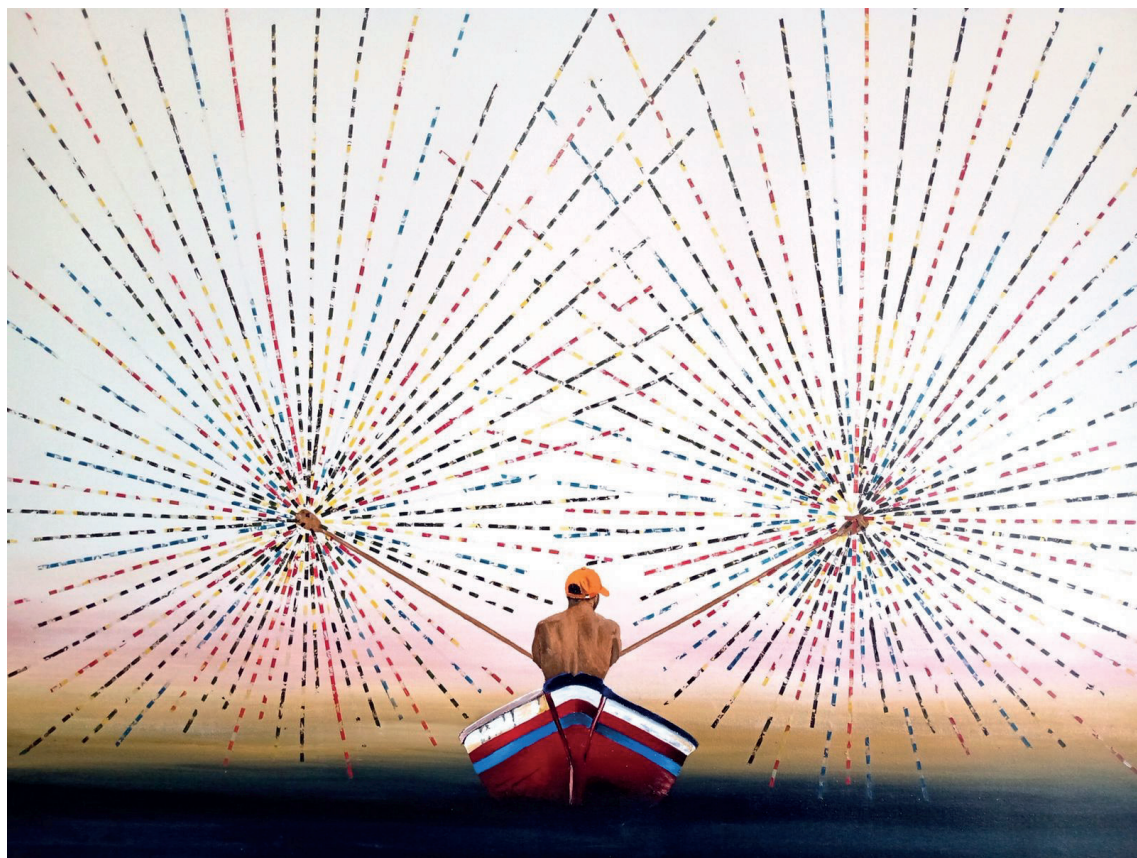


# — CONEXÃO —

FEAL 

#28



Fevereiro 2023

# MIGRAÇÕES

## Equipe editorial

**Adriana Pontelli**

Diretora de Publicações da FEPAL  
Psicanalista da Associação Psicanalítica de Córdoba (APC)

**Alicia Ángeles Ramírez**

Analista em formação da Sociedad Peruana de Psicanálise (SPP)

**Ana Valeska Maia Magalhães**

Analista em formação da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)

**Daniel Senos**

Analista em formação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

**Lúcia Palazzo**

Diretora Suplente de Publicações da FEPAL  
Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

**Marina Massi**

Coordenadora Científica da FEPAL  
Psicanalista da Sociedade de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

**Natalia Mudarra**

Psicanalista da Asociación Panameña de Psicanálise (APAP)

**Ximena Méndez**

Analista em formação da Associação Psicanalítica del Uruguay (APU)

**Walter Eduardo Lisboa**

Tradutor

**Leo Mangiavacchi**

Designer gráfico / Diagramador

**Imagem da capa**

**Expansão 3** (2022), de **Diego de Santos\***. Acrílica e transferência de pintura de faixa de ráfia sobre tela, 60cm x 80cm.

*\*Diego de Santos é artista visual. Foi contemplado com o prêmio FUNARTE de Arte Contemporânea (2015-2016). Indicado ao Prêmio PIPA e vencedor na categoria Voto Popular Online (2014). Realizou exposições individuais e coletivas em espaços institucionais e galerias pelo Brasil. Vive e trabalha entre Caucaia e Fortaleza.*

# Editorial

Conexão FEPAL, em processo de gradual transformação, chega hoje a vocês como um projeto editorial incipiente. Queremos promover um espaço dinâmico para a circulação de reflexões, relatos de experiências, propostas de leituras em torno de temas e situações atuais que nos interpelam como psicanalistas. Propomos o desafio de dizer/escrever em poucas palavras, à maneira daqueles esboços à mão livre, sem os detalhes do desenho, mas com algumas linhas que delineiam um tema, traços inacabados que convidam a pensar. Nesta edição, apresentamos um esboço sobre migrações.

Na cultura mítica, desde a Odisseia de Ulisses, conhecemos a metáfora da travessia oceânica como um mergulho profundo nos enigmas do inconsciente humano. Tal como as inesperadas reviravoltas das ondas em alto-mar que abatem os navios, mergulhando-os na turbulência e impotência de um estado de deriva e incerteza, as migrações humanas atuais são marcadas por percursos complexos e desafiantes. Nos deslocamentos realizados por água, terra ou ar, as migrações revelam como nossa contemporaneidade é afetada por guerras, misérias sociais e catástrofes ambientais, o que traz consigo a evidência de um futuro em constante mutação e imerso em dificuldades. Frente a circunstâncias tão graves o que podemos fazer como psicanalistas?

O diálogo com a arte contemporânea é uma de nossas apostas. Por isso, na capa desta edição temos a imagem da obra Expansão 3 (2022) do artista visual Diego de Santos. Um barqueiro solitário atinge o horizonte com o movimento de seus remos. Esta pintura acrílica, com a transferência de tiras de ráfia pintadas para o suporte de tela, dá um novo uso a materiais do cotidiano, movimentando não só as práticas tradicionais da linguagem pictórica, mas, sobretudo, convidando quem olha a imagem a repensar a sua possibilidade poética. O gesto delicado e esperançoso do barqueiro é o de continuar, e ser farol, apesar da tempestade que nubla o agora.

**Perspectivas** é um espaço concebido como uma urdidura na qual psicanalistas de diferentes regiões inserem seus pontos de vista em uma

narrativa ou enredo. O fio temático comum – migrações neste número – favorece o entrelaçamento dos textos apresentados, formando um desenho particular. Cristina Fulco, em seu texto *Migrações*, coloca a fibra da teoria psicanalítica na trama para pensar o desafio clínico no trabalho com populações migrantes. Em seu artigo *Narrativas e deslocamentos*, Patrícia Bohrer Pereira Leite alerta sobre os efeitos desse fenômeno em escala global e valoriza intervenções na promoção de uma cultura de acolhimento e hospitalidade. Por fim, Diana Zac e Isabel Mansione, no texto *Navegando nas Memórias Coletivas*, partilham a experiência de intervenção no campo educativo, colaborando com professores e alunos na recuperação de histórias de vida migrantes.

Inauguramos nesta edição um ambiente de escuta e diálogo com profissionais de outros campos do saber. Em **Interseções** o doutor em Filosofia, escritor e professor Renato Noguera problematiza o fenômeno da migração relacionando-o com a colonização. É possível um mundo sem fronteiras? Ao indagar sobre o sentido das fronteiras na contemporaneidade, o autor articula percursos históricos e a crise atual, evidencia as relações entre racismo, monoteísmo e necropoder. Mas não abre mão da esperança: *“É preciso sonhar com um dia em que não seja preciso migrar, mas, sejamos capazes de visitar e receber visitas.”*

Em **Conversações** propomos um exercício de escuta das trocas produzidas na privacidade de uma entrevista, ponto de encontro para o desdobramento de narrativas testemunhais de vozes de referências culturais, de psicanalistas que se destacam por suas contribuições à psicanálise, ou daqueles que desempenham atualmente um papel na FEPAL, tal como nesta edição. Marina Massi, Coordenadora Científica da FEPAL, em diálogo com Alicia Ángeles, fala-nos do seu percurso pessoal, profissional e institucional, da relação entre a psicanálise e o social, e do projeto de gestão da área científica.

Uma equipe de editores da Revista Latino-Americana de Psicanálise da FEPAL, na seção **Marcadores de Calibán**, nos convida a revisitar artigos publicados em números anteriores, para recuperar contribuições altamente válidas daqueles que abordaram na época os temas que propomos para cada Conexão. Nesta ocasião, Gabriela Levy compartilha conosco alguns marcadores de leitura sobre *“o tema das migrações e exílios (...) problematizado por diferentes autores que deixaram suas marcas-escrituras em nossa Revista Calibán”*.

Convidamos os leitores a se conectarem com este projeto editorial que nasce hoje.

*Adriana Pontelli e Ana Valeska Maia Magalhães*

# Perspectivas

## Migrações

*Por Cristina Fulco\**

Embora se possa pensar que as migrações fazem parte da história da humanidade desde suas origens, é importante enfatizar que os movimentos migratórios na forma de uma "explosão" se intensificaram nas últimas décadas, não apenas na América Latina, mas também no mundo. Além das múltiplas e comuns causas históricas que forçaram as pessoas a deixarem seus lugares de origem, como razões políticas e econômicas, catástrofes naturais, invasões e genocídios, se somam a estes tempos a mutação civilizacional, como nos habituamos a chamar o turbilhão de mudanças político-culturais e tecnológicas às quais as populações das mais diversas partes de nosso planeta estão sujeitas, sem tempo para a elaboração dos conflitos e das perdas, muitas vezes abalando os fundamentos das identidades individual e coletiva.

O que a psicanálise tem a contribuir diante destas novas realidades que, por um lado, questionam seu próprio paradigma e, por outro, a colocam em xeque com seu apelo de urgência e desafios clínicos, a fim de trabalhar nos processos de subjetivação que tanto as populações migrantes quanto as receptoras estão passando?

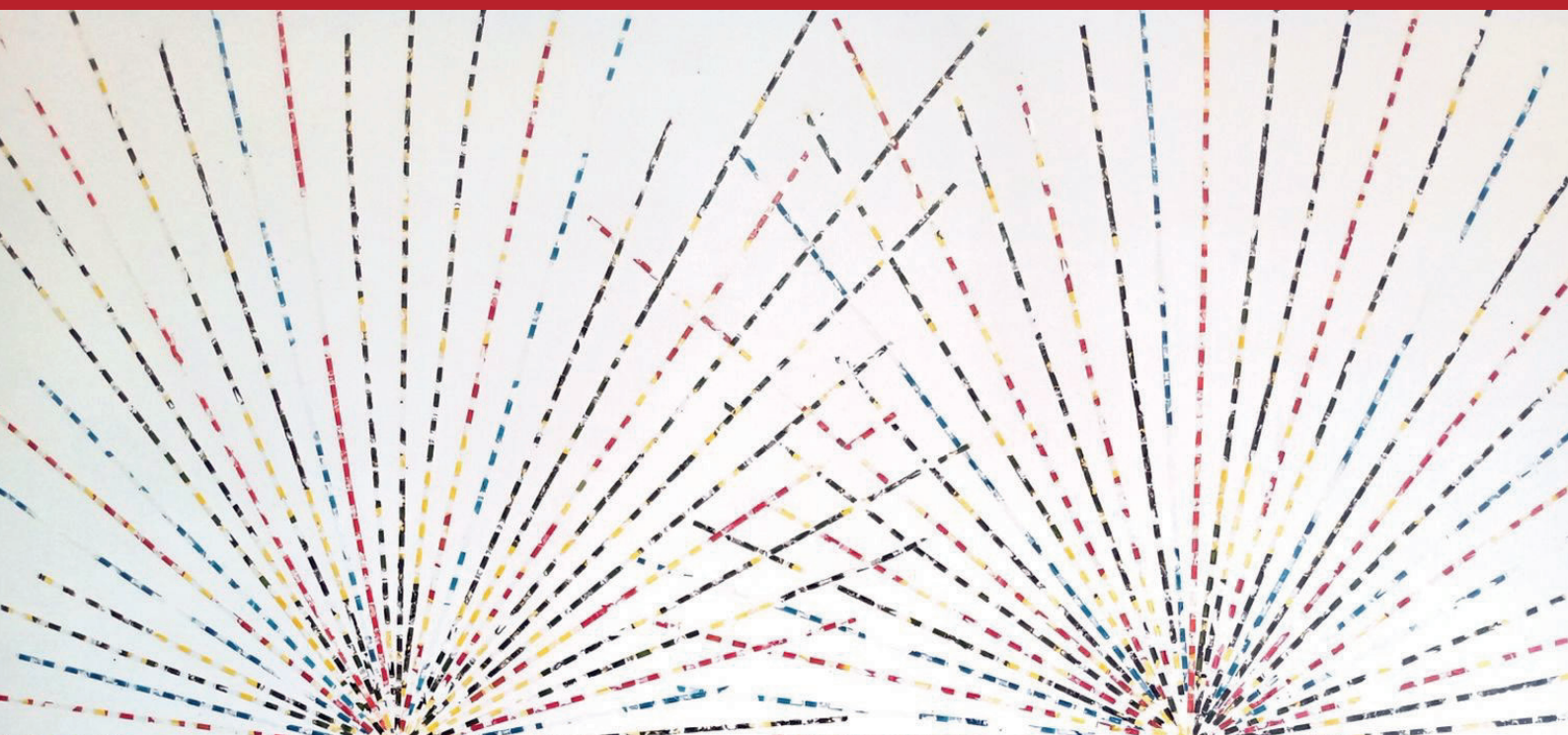
A abordagem do tema nos aproxima de um trabalho de fronteira no sentido de atravessar zonas, marcado por uma heterogeneidade de campos que inclui o saber de psicanalistas, antropólogos, sociólogos, economistas entre outros e que abre uma gama de temas como a subjetividade acima mencionada, a alteridade, o corpo, as identificações, o racismo, a linguagem, a violência e, por último mas não menos importante, o inconsciente. Portanto, não se trata apenas dos deslocamentos geográficos, mas também dos problemas que as migrações trazem à tona, revelando o latente, consciente e inconsciente, tanto no individual quanto no coletivo.

Algo do que está ligado aos primórdios da estruturação psíquica, o campo do narcisismo, nos lembra Freud em "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico", "As pulsões e seus destinos" e "A negativa", ao definir modos de funcionamento das pulsões do ego. É importante destacar que nessas obras o que ele define como princípio do prazer equivale à rejeição do estranho, do que vem de fora, do que é sentido como ruim e ameaçador.

É frequente que a população imigrante, nos tempos atuais (e talvez em todos os tempos), gere e tenha gerado distância e distanciamento em um aspecto duplo que inclui também a população receptora, questionando a identidade. Algo do inquietante, no sentido freudiano, parece ser despertado diante do diferente, em seu caráter de estranho, estrangeiro, perturbador, em sua estrangeirice e em suas diferenças. Os choques culturais promovem incompreensões e ódio diante das diferenças de valores, costumes, histórias, tradições, que nem sempre promovem oportunidades de enriquecimento mútuo, mas levam a movimentos de intolerância e violência com seus efeitos de expulsão, isolamento e rejeição. Muitas vezes na fronteira entre a vida e a morte, como é bem conhecido por todos.

A psicanálise trabalha com as palavras como uma de suas ferramentas fundamentais no encontro com o outro. Trabalhar com populações migrantes implica o desafio de aceitar o desconhecimento da língua do migrante, muitas vezes sem conhecer seus códigos, suas palavras proibidas e suas conotações sexuais com seus efeitos traumáticos, uma tarefa que o migrante também enfrenta como portador de referências culturais diferentes das nossas. Entendemos que estes desafios exigem necessariamente, no momento de nossa prática, um trabalho intenso com contratransferência e, ao mesmo tempo, implicam uma necessária interlocução interdisciplinar.

*\* Psicanalista, Membro da Associação Psicanalítica Uruguia, Coordenadora Científica Suplente da FEPAL.*



## Narrativas e deslocamentos

Por *Patrícia Bohrer Pereira Leite\**

[...] toda migração é um ato de coragem... e leva a modificações no conjunto da história familiar. A migração, esta é sua grandeza existencial, é um ato complexo que não pode ser reduzido a categorias da sorte ou da necessidade! Independentemente das razões que levaram a este ato, a migração é às vezes traumática [...] A psicanálise reconhece três significações de trauma [...] este refere-se à perda do enquadre cultural interno, a partir do qual era decodificada a realidade externa. (Moro, 2002, p. 161)

Em maio de 2022, mais de 100 milhões de pessoas estavam em deslocamento forçado devido a perseguições, conflitos, violência, violações dos direitos humanos ou eventos que perturbaram a ordem pública. Destas ao menos 36,5 milhões eram crianças e jovens que só viveram em situações de conflito e nunca frequentaram escola. Ainda há aqueles que viajam desacompanhados, trabalham para sobreviver, e sofrem formas de abuso diversas (ONU, 06/2022).

Estas pessoas movimentam-se de forma distinta no que concerne a elementos fundamentais: laços familiares, religião, valorização da língua e da cultura de origem, maneira de cuidar dos pequenos, divisão de papéis dentro da família etc., constituindo um grupo bastante heterogêneo.

As migrações podem introduzir uma desordem na transmissão entre gerações de elementos essenciais ao nosso desenvolvimento e saúde psíquica. As crises costumam nos silenciar; os adultos falam pouco com as crianças preocupados com as próprias angústias; somam-se rupturas e perdas de referências concretas: a falta da família expandida, de um grupo

de pertencimento; aumenta a solidão e dificuldades os modos de guarda e educação na primeira infância. A precariedade das estruturas de atendimento e moradia são condições frequentes. As instituições educacionais e de saúde nem sempre estão preparadas para lidar com aspectos transculturais.

A arte tem um lugar essencial no fomento de uma sociedade mais solidária, sua mediação pode incrementar práticas multidisciplinares de saúde e psicanálise. Uma ação cultural inserida na vida cotidiana cria uma liberdade e auxilia a pessoa a descentrar destas situações extremas. Inscrita na memória do encontro, onde o outro nos solicita, e acompanhado com palavras nos recorda a nossa poética. Criam-se espaços de escuta onde a linguagem pode ser exercida em sua expressão mais lúdica. Exercício que convida ao diálogo, auxilia a negociar saudades, cultivar lembranças, intercambiar repertórios e habilidades, significar experiências, nomeá-las e integrá-las. A leitura de narrativas literárias é primorosa ferramenta de mediação de linguagem, emoções, cultura; a literatura depositário de nossa riqueza humana valorizador de nossa alteridade e humanidade.

Devemos investir em uma cultura do acolhimento e da hospitalidade onde cada pessoa ou grupo seja considerado como sujeito singular. Nós, profissionais, precisamos, sem perder a seriedade e o rigor, cuidar para impedir engajamentos que nos retirem a liberdade de pensar e inventar nestes contextos adversos. Assim, quem sabe, poderíamos minimizar e evitar agravar as consequências destes deslocamentos.

*\*Psicanalista, Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), Mestre em Psicologia Clínica e Psicopatologia (Universidade Paris V) e Especialista em Técnica de Saúde Mental (Universidade Paris XIII).*

#### **Referencias**

Moro, M.R. (2002/2011). *Enfants d'ici venus d'ailleurs*. Paris: Arthème Fayard/Pluriel

<https://www.unhcr.org/fr/62aae6e24>

<https://www.acnur.org/portugues/2022/06/15/acnur-deslocamento-global-atinge-novo-recorde-e-eforca-tendencia-de-crescimento-da-ultima-decada/>

<https://brasil.un.org/pt-br/186958-unicef-aponta-recorde-de-37-milhoes-de-criancas-deslocadas>





## Navegando nas memórias coletivas Uma introdução à identidade social

Por *Diana Zac\** e *Isabel Mansione\*\**

Em situações críticas, os seres humanos podem ficar presos em suas origens ou embarcar na aventura da migração, que abre horizontes e experiências, desafiando nossa capacidade de adaptação, com as comédias e dramas da existência.

A migração está na imaginação coletiva como uma forma possível de resolver o futuro. Confrontar as próprias fantasias com o que aconteceu com os outros, acessar as memórias daqueles que nos precederam e pensaram em nós, nos aproxima da memória coletiva e nos ilumina.

A equipe da APdeBA realizou uma experiência na Província de Buenos Aires, Argentina, com professores e estudantes adolescentes, buscando recuperar as histórias de vida dos migrantes que construíram o tecido social de algumas cidades.

Pensamos nos adolescentes para treiná-los e confiar-lhes o trabalho de campo e sua apresentação na comunidade, pois eles conhecem a experiência de passar por mudanças de identidade e podem empatizar com histórias de adaptação, transformações, discriminação e preconceito.

Além da necessidade de investigação acadêmica, havia a urgência de evitar que a brisa do tempo apagasse para sempre aquelas experiências inscritas nos macro processos históricos, tão pessoais, mas sem voz.

Como preservar aquelas contribuições que nenhum livro lembrava e ainda eram os fios da densa teia psico-sócio-histórica? Como mergulhar em suas tragédias e alegrias, para recuperar a carne do se tornar? Estávamos conscientes de mobilizar a emocionalidade, com os riscos e vantagens que se seguem. Havia testemunhos

de migrações forçadas, assim como outros guiados por ideais, amor, etc.

Qual foi a contribuição dos psicanalistas? Construir pontes com outras disciplinas, outras culturas e diferentes gerações. Para incluir a perspectiva de uma subjetividade em trânsito, ansiosa por ser ouvida.

Descobrimos que o uso de advérbios aqui e ali, embora tornasse a narrativa confusa, era um indicador de onde estava a mente durante o testemunho.

Procuramos tornar visível o invisível que construiu a desmemória, e que no entanto percorre a construção de identidades locais e singulares.

Resultados inesperados foram obtidos, como acontece na pesquisa das ciências humanas. Houve uma irmandade com vilas italianas, que organizou museus interativos com os testemunhos gravados.

Também construímos com colegas de escolas italianas o projeto Educreando @Binacional para a prevenção de todos os tipos de violência nas escolas, incluindo o bullying e a discriminação contra crianças e adolescentes migrantes.

*\* Psicanalista, Membro da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA), Diretora de Comunidade e Cultura da FEPAL. Segundo Prêmio nos Campos Humanitários do IPA (2023).*

*\*\* Psicanalista, Membro da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA), Secretária dos Psicanalistas*



# Interseções

## É possível um mundo sem fronteiras?

Por Renato Nogueira\*

Um viés para problematizar o fenômeno da migração está na colonização e seus efeitos. Os processos de colonização articularam patriarcado, racismo e monoteísmo e construíram o projeto ocidental de transformar a "humanidade em matéria e energia" (MBEMBE, 2021, p.19). Migração está relacionada aos modos como o sistema mundo organiza a produção material da vida. A partir das reflexões do economista senegalês Felwine Sarr, o ecomito do desenvolvimento objetifica a natureza. Migração é uma espécie de busca por uma "terra prometida", partir de um território em guerra, atingido por catástrofes climáticas resta escapar. No ensaio *Necropolítica*, o filósofo Achille Mbembe diz algo que merece nossa atenção: "A forma mais bem-sucedida de necropoder é a ocupação colonial contemporânea da Palestina" (MBEMBE, 2015, p. 136). Pois bem, por que a ocupação colonial é o necropoder em sua forma mais elaborada? Por necropoder devemos compreender uma tecnologia política que faz da soberania do Estado, direito de matar por critérios étnico-raciais. No caso da Palestina, a migração de colonos está intimamente relacionada às apropriações que a dimensão política da vida faz do discurso religioso. Os monoteísmos advindos de Abraão têm uma peculiaridade: existe um povo que tem direito a uma Terra prometida. A política transfere esse território de um paraíso pós-juízo final para o aqui e agora. O que à primeira vista era teológico se "transforma" em geopolítica.

Nesse caso, a a migração é para expulsar alguns em favor da ocupação territorial de outros que por alguma narrativa teológico-política, cultural ou econômica autointitulam os novos habitantes. Esse é o padrão operacional do Ocidente colonizador. Mas, existem outros motivos para migrar. Mbembe nos fala do afropolitanismo, uma espécie de cosmopolitanismo africano que ao invés de fazer coro com a tese de uma cidadania mundial num mundo com fronteiras, nos apresenta o que denomino aqui de um mundo com limites ao invés de fronteiras. Em certa medida, a migração se organiza em torno de fronteiras como linhas

geopolíticas que estabelece a soberania de uma nação. Portanto, é preciso ter um passaporte, passar por barreiras de vários tipos para poder entrar numa terra estrangeira. A Europa passou séculos invadindo, migrando e ocupando e fantasiou que estava “descobrimdo” um Novo Mundo.

A minha hipótese é simples, baixar as fronteiras e refazer os acordos de soberania colocando a vida como mais importante do que o capital é uma das formas que podemos arriscar para viver menos marcados pelo afeto do medo, sempre em estado de vigilância e armas em punho. É preciso sonhar com um dia em que não seja preciso migrar, mas, sejamos capazes de visitar e receber visitas.

Se não houvessem fronteiras, não precisaríamos migrar. Se não houvesse uma terra prometida, não seria preciso disputá-la. Eu concordo com Mbembe, a política trata da vida e da morte, não sobre conhecimento e verdade. A migração obedece a uma dinâmica de ocupar novos territórios seja para escapar da escassez, ou invadi-los para evitá-la. O que desejo reflexionar diz respeito ao abandono da lógica da escassez para uma arquitetura conceitual da política que passe pelo que Davi Kopenawa trata como uma cosmopolítica da natureza, assim como pelas reflexões de Mogobe Ramose sobre um polidialógo e a importância da comunidade defendida por Mãe Stella de Oxóssi. Migração é um sintoma de um problema que afeta o sistema geopolítico mundial. É preciso compreender o complexo que gerou esse sintoma. Uma alternativa estaria em agenciamentos entre humanidade, a natureza e outros seres que não passe pela exploração e tampouco por alguma fantasia de salvação universal religiosa. O Mal-estar dessa civilização produz fluxos migratórios. Talvez, para além do bem e do mal, seja preciso estabelecer o fim desses fluxos com o cessar das fronteiras. Se a proposta for estabelecer alguns limites e nenhuma fronteira. Eu deixo uma pergunta que está em meus investimentos intelectuais sem resposta. A humanidade prefere manter as fronteiras ou será capaz de abrir mão do que mantém sempre vivo, o risco de sua extinção?

\* *Escritor, Doutor em Filosofia (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Membro do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da UFRRJ.*

#### **Referências**

Mbembe, Achille. “Necropolítica” in *Arte & Ensaios*. n. 32. UFRJ, dez. 2016.  
\_\_\_\_\_. *Brutalismo*. São Paulo: n -1 edições, 2021.

# Conversações



**Marina Massi**, Psicanalista da SPBSP e Coordenadora Científica da FEPAL 2022-2024

## Em Língua Viva: FEPAL Hoje Entrevista Marina Massi

Por **Alicia Ángeles Ramírez\***

Marina Massi, nossa atual Coordenadora Científica, nos aproxima de seu amor e interesse em divulgar a produção científica dos psicanalistas latino-americanos há vários anos. Como são tomadas as decisões que, na área científica, nos vão influenciar nos próximos dois anos? Como esta área é concebida como um laboratório de prevenção da polarização dentro de nossa instituição?

Num formato de 5 entrevistas com quem hoje dirige a FEPAL, abordamos estas questões na seção EM LÍNGUA VIVA: FEPAL HOJE. Entregamos esta segunda conversa feita entre São Paulo e Lima. Esperamos que a leitura seja tão motivadora quanto foi para nós fazermos a entrevista.

Assista ao vídeo no canal YouTube da FEPAL:  
[www.youtube.com/watch?v=Vn4lvmnse\\_Q](http://www.youtube.com/watch?v=Vn4lvmnse_Q)

*\* Analista em formação da Sociedad Peruana de Psicoanálisis (SPP). Membro da Equipe de Publicações da FEPAL.*

# Marcadores de Calibán

## Migrações e exílios

Por **Gabriela Levy\***

Nos últimos anos observa-se no mundo um aumento exponencial de migrações e deslocamentos provocados por guerras, opressões, pobreza, crises climáticas ou, simplesmente, pela busca de melhores oportunidades de vida. A história da psicanálise e sua expansão estão marcadas também por experiências de exílio como a de Freud e de muitos de seus contemporâneos durante a Segunda Guerra Mundial ou, mais próximo de nós, os exílios impostos pelas ditaduras militares na América Latina nos anos 1970.

Dimensão marcante do imbricamento entre a experiência individual e a coletiva, a noção de exílio permeia implicitamente todo o pensamento psicanalítico enquanto paradigma da *estrangeiridade*, isto é, do descentramento subjetivo e da dialética entre identidade e alteridade inerentes à constituição psíquica. Contudo, o real da vivência de migrantes e refugiados, nos coloca muitas vezes frente a dramáticas situações-limite nas quais a abordagem do exílio exclusivamente enquanto descentramento psíquico torna-se insuficiente para entender o sofrimento específico de sujeitos cuja alteridade é redobrada e exarcebada por experiências de deslocamentos, violências e alienação cultural.

Esta temática fundamental de migrações e exílios tem sido problematizada por diferentes autores que deixaram suas marcas-escritas em nossa Revista Calibán. Compartilhamos aqui alguns desses marcadores de leitura:

**Calibán O que não se sabe** vol 14(2)

- Edmundo Gómez Mango: *O terror político e a sessão analítica.*

**Calibán Mal** vol 15(2)

- Marcelo Viñar: *Terror político e exílio-desexílio (suas marcas subjetivas).*

**Calibán FemininX** vol 17(1) - Dossiê Mulheres em exílio com textos de:

- Gabriela Levy: *Exiladas.*
- Marie-Caroline Saglio-Yatzimirsky: *Mulher de pedra, mulher de prantos, mujer de revolta.*
- Simona Taliani: *Rastros generativos: Sobre repetição e exílios femininos.*
- José Luis González Fernández: *Marie Langer: Entre o luto e a vida, uma experiência de exílio. Viver o presente pelo futuro.*
- Claudia Andujar: *Fugindo da Segunda Guerra Mundial: Da Hungria aos Yanomami.*
- Jobana Moya Aramayo: *Ser mãe quéchua em São Paulo: um depoimento.*
- Adriana Prengler: *Comitê de Emigração e Reintegração de Psicanalistas.*

**Calibán #Fronteiras** vol 18(1)

- Serapio Marcano: *Migração e trauma: Uma visão a partir da psicanálise e da experiência pessoal.*

\* *Psicanalista, Membro da Asociación Psicoanalítica de Uruguay (APU), Editora de Calibán – Revista Latino-americana de Psicanálise.*



**Trem baiano**, Fotografia de **Claudia Andujar**, da série Histórias reais (1969) Impressão com tinta pigmentada mineral sobre papel algodão, 73 x 110 cm.